



HEMEROTECA  
MUNICIPAL  
DE LISBOA

**A ARTE MUSICAL: REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE**<sup>1</sup> – «Contribuir para a cultura e o desenvolvimento da Arte, dar todo o apoio aos artistas tornando-os conhecidos do público, ser justo e imparcial, trazer os leitores ao corrente do que se passa lá fora em matéria de arte musical, preservar e fazer todos os sacrifícios para que chegue a seu termo a publicação do DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO DE MUSICOS PORTUGUESES, tal é o programma da Arte Musical.»<sup>2</sup>

Apareceu a **15 de Janeiro de 1899**, ostentando no cabeçalho o nome de duas figuras de méritos reconhecidos na música e não só: **Michel'Angelo Lambertini** (1862-1920)<sup>3</sup>, o diretor, e **Ernesto Vieira** (1848-1915)<sup>4</sup>, o editor.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/artemusical/artemusical.htm>

<sup>2</sup> Conf. n.º 1, p. 1.

<sup>3</sup> Músico, maestro, compositor, musicólogo, produtor de eventos e comerciante, descendente de uma família italiana, ligada ao fabrico de pianos, Michel'angelo Lambertini nasceu no Porto, a 14/04/1852, e morreu em Lisboa, a 13/11/1920. Aprofundou a sua vocação inata para a música e os estudos de infância no Conservatório de Lisboa. Aí fez os cursos de Piano e Harmonia e teve aulas de violoncelo. Continuou e desenvolveu o negócio de construção e venda de pianos iniciado pelo pai, por volta de 1836, e foi um ativista da arte musical entre nós. Fundou sociedades de música e orquestras; organizou concertos; criou a Caixa de Socorros a Músicos Pobres; desenvolveu uma linha editorial para promover a música e os músicos, onde figura a revista *A Arte Musical*, o *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses* e diversas monografias; bateu-se pela criação, em Lisboa, de um museu da música, que não chegou a ver. Apaixonado pela música, não padecia dos males que enfermam os ciumentos ou os cínicos. Entendia a música como um bem coletivo que devia ser partilhado e cultivado por todos. Só a partir de 1901 (n.º 70) é que passou a constar no cabeçalho d' *A Arte Musical* que era seu proprietário. Foi uma figura omnipresente na revista, onde publicou variadíssimos artigos. De entre todos repescamos «A música e as Revoluções» (n.º 306 e 308), porque trata da interessante questão do valor simbólico da música, e da relação da política com a música.

<sup>4</sup> Musicólogo, professor de música, flautista e compositor, Ernesto Vieira nasceu em Lisboa a 24/05/1848, onde veio a falecer a 26/04/1915. Filho de gente pobre, praticamente não teve oportunidade de frequentar a escola, que abandonou cedo para trabalhar na oficina de sedas da mãe. Melhorou e aprofundou a sua instrução como autodidata e aos 12 anos entrou no Conservatório que era, então, o único estabelecimento de ensino gratuito. Aí fez o curso de Flauta e Harmonia e ainda estudou piano e oboé. Não demorou a fazer-se notado pelo seu virtuosismo e a ser convidado para tomar parte em várias orquestras. Também teve sucesso como professor, primeiro, por conta própria, a partir de 1888, na Escola Académica e, depois, na Academia dos Amadores de Musica. Cultivou um interesse particular pelo ensino de música aos invisuais. Ganhou o reconhecimento dos seus pares e foi convidado a colaborar e/ou dirigir vários jornais e revistas, como a *Gazeta Musical* (1872-1873), *Eco Musical* (1873-1874), *Amphion* (1884-1896), *Gazeta Musical de Lisboa* (1890-1897), e *A Arte Musical*.

Em 1901, quando a propriedade d' *A Arte Musical* foi assumida por Lambertini, Ernesto Vieira associou ao cargo editor o de «Redactor principal». A sua assinatura remata, portanto, inúmeros artigos, aos quais haverá a somar muitos outros desprovidos de autoria. Ernesto Vieira também deixou alguns estudos publicados, o mais conhecido foi, sem dúvida, o *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*.

<sup>5</sup> Depois da morte de Ernesto Vieira, *A Arte Musical* conheceu mais dois editores: António Gil Cardoso, entre Setembro de 1904 e Agosto de 1905, e José Nicolau Pombo, de Agosto de 1905 até ao fim.

Tinha a sua **sede** (redação e administração) em **Lisboa**, na Praça dos Restauradores, 43 a 49, endereço que coincidia com o da famosa *Casa Lambertini*, dedicada ao comércio de pianos e outros instrumentos e produtos musicais. Vem ao caso referir que grande parte da **publicidade** presente na revista diz respeito a produtos **da Casa Lambertini** ou que eram nela comercializados, em regime de exclusividade; outra curiosidade publicitária é o espaço «**Anúncios de uma linha**», para uso exclusivo dos assinantes. Era um serviço gratuito que conhecia apenas uma limitação de mote ou tema: só incluíam anúncios relacionados com a música. Quem mais aproveitou foram os professores “por conta própria”.<sup>6</sup>

No que toca à **impressão**, *A Arte Musical* conheceu mais do que uma empresa. No início usou a tipografia do «Instituto», no nº 13 e 15, da Rua do Regedor, que depois se mudou para o nº 27, da Praça dos Restauradores (Janeiro/Setembro de 1899).<sup>7</sup>

A revista foi **mantida até 31 de Dezembro de 1915**, o que perfaz **17 anos de vida**. Uma longevidade surpreendente, quer por se tratar de um periódico centrado em matéria específica e, por isso mesmo, dirigido a um público mais ou menos limitado, quer por coincidir com o momento de transformação e mudança que envolveu a implantação da República. Fruto desta conjugação feliz de circunstâncias, que foi exponenciada por um painel de colaboradores muito eclético e de créditos firmados no meio musical, artístico e literário, hoje, *A Arte Musical* é uma fonte de informação incontornável sobre a atividade musical daqueles tempos e, simultaneamente, um miradouro privilegiado sobre as relações entre os agentes musicais e o movimento republicano, as reações às mudanças implementadas pela República, nomeadamente ao nível das instituições de ensino e das políticas de apoio à arte e aos artistas, ou das alterações havidas ou não na produção musical e na oferta de espetáculos.

É uma publicação de pequeno formato – inicialmente, o número padrão, apresentava 8 páginas úteis, mais 4 reservadas à publicidade (as duas primeiras e as duas últimas) – que era coberta com uma capa de papel, fino, de cor. Infelizmente, muitos números da coleção da Hemeroteca perderam as páginas de publicidade e a capa. Na verdade, só a partir do ano 1901, é que começam a aparecer edições completas, isto é com a capa e as páginas de publicidade, pelo que, em rigor, desconhecemos se existiram desde o início e como eram graficamente. Além do mais, a resposta pode cruzar-se com outro dado: nos primeiros anos, a assinatura d’*A Arte Musical* incluía a “**oferta**” da edição, em fascículos, do «**Diccionario Biographico dos Musicos portugueses e brasileiros**», de Ernesto Vieira, publicada pela *Casa Lambertini*.

---

<sup>6</sup> Nos primeiros números, este espaço ocupava a última página, depois passou para a contracapa.

<sup>7</sup> A quem possa interessar deixamos o itinerário tipográfico percorrido pela revista. Depois de largar o «Instituto» e por um largo período (Outubro/1899 a Dezembro/1904), a empresa tipográfica não foi identificada no cabeçalho, constava apenas um endereço que foi mudando no tempo – 39, Rua do Jardim do Regedor, 41; 97, da Rua do Norte, 103; 29, Rua das Gáveas, 31; 42, Rua da Bombarda, 50; 18, da Rua da Assumpção, 18 a 24. A partir de Janeiro de 1905, passou a constar a «*Typ. do Anuario Commercial*», no nº 5, da Calçada da Glória, e depois, no nº 27, da Praça dos Restauradores (até Março/1909). Seguiu-se a «*Typ. Pinheiro*», na Rua do Jardim do Regedor nº 39 a 41 (Abril/1909 a Março/1913). Em Abril de 1913, regressou a «*Typ. do Anuario Commercial*», na Praça dos Restauradores, nº 27, e depois no nº 24 da mesma Praça, onde se mantiveram até à extinção.

O editorial de apresentação da revista assumiu o propósito de assegurar a publicação do *Diccionario*, mas não refere, explicitamente, a sua distribuição em fascículos. Provavelmente, essa informação constava no prospeto promocional a que se alude no editorial, e, talvez, constasse também numa capa comum que, no momento da encadernação foi sacrificada pois as publicações eram autónomas. Mas aqui já estamos a entrar no terreno da especulação.

Foi, portanto, uma surpresa quando deparámos, em meados de 1901, com um aviso sobre o adiamento da distribuição de um fascículo, por força do excesso de material para publicar: «*Por este facto, que representa uma dispendiosa excepção, será transferida para o próximo numero a distribuição do 58.º fascículo do Dicionário Biographico dos Musicos portugueses e brasileiros, cuja publicação, devida ao eminente musicografo Ernesto Vieira, tem acompanhado o nosso jornal desde o seu inicio.*»<sup>8</sup>

Um ano depois, fizeram notícia do termo da publicação dos fascículos nestes termos:

«*Havendo concluído a publicação do Diccionario dos Musicos Portuguezes que encetámos com o primeiro numero do nosso quizenario, passa, desde o presente a publicar se A Arte musical com doze paginas de texto, como compensação aos nossos disvelados assignantes.*

«*Aproveitamos o ensejo para lhes agradecer a todos e a cada um, o favor com que nos têm acolhido, animando a empresa a sustentar um jornal musical em Lisbôa, onde todas as tentativas da mesma índole, não lograram manter-se, alem de uma existência problemática e quase sempre efémera.*»

«*Vão ser postos à venda nas principaes livrarias lisboneneses os dois volumes brochados do Diccionario dos Musicos Portuguezes. As capas especiaes para a encadernação estão se fazendo expressamente, devendo ficar lindíssimas.*»<sup>9</sup>

Como a informação sobre **preçário** era publicada na capa da revista só houve acesso a ela a partir de Janeiro de 1901: o número avulso ficava por 100 réis; a assinatura (semestral), em «Portugal e colónias, 12 numeros do Jornal e 12 fascículos do *Dicionário*, tendo 16 paginas cada fasciculo..... 1\$200 réis; «No Brasil (moeda forte) ..... 1\$800. A partir de Janeiro de 1902, foi acrescentado o preço da assinatura no «Estrangeiro..... 8 Fr.». Depois de terminada a publicação do *Dicionário Biográfico*, os preços não sofreram alterações, passando a «publicar se *A Arte musical* com doze paginas de texto». Estes, por sinal, não ficaram desgostados, mantendo-se fieis leitores, por muitos anos.

Além dos 90 fascículos do *Diccionario*, *A Arte Musical* distribuiu ainda algumas **edições “especiais”**, com mais páginas – por motivo do interesse do material que tinham em mãos (estudos), ou por conta da visita de um músico estrangeiro, de um concerto, ou do caldo conjuntural do país – e **dois suplementos**: um, de natureza solidária, contendo uma cópia da mensagem que Michael’Angelo Lambertini redigiu e

---

<sup>8</sup> Conf. n.º 59, de 15/06/1901, p. 124. Note-se que o título não corresponde ao que de facto se veio a concretizar, que abarca apenas os músicos portugueses.

<sup>9</sup> Conf. «Noticiário», in nº 91, 15/10/1902, p. 160. Sobre o *Dicionário* há mais referências nos nºs 55 e 68. Disponível na Hemeroteca Digital, em:

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/raridadesbibliograficas/raridades\\_DiccionarioBiographicodeMusicosPortuguezes.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/raridadesbibliograficas/raridades_DiccionarioBiographicodeMusicosPortuguezes.htm)

entregou à violoncelista portuguesa Guilhermina Suggia (1888-1950)<sup>10</sup> na noite do **concerto** que realizou a favor da **Assistência Nacional aos Tuberculosos**, e a lista dos nomes dos seus signatários<sup>11</sup>; outro, com um dicionário em português ou italiano do «**Vocabulário Musical de Locuções Alemãs**»<sup>12</sup>.

## SUBSTANCIA E COLABORADORES

Seria um milagre se, ao longo de 17 de anos, *A Arte e Vida* não sofresse alterações, ditadas pela passagem do tempo, a mudança de regime, a prudência e a urgência de um novo tema, ou falecimento de um colaborador. Mas o seu objeto, o seu foco de interesse nunca se alterou. Foi sempre a música e os agentes e os seus instrumentos.

Em sintonia com os objetivos programáticos definidos, a sua oferta de leitura incluía, sobretudo: **biografias de artistas**, estrangeiros e nacionais (compositores, interpretes, maestros, etc.), complementadas com o respetivo retrato (foto); **artigos sobre a história da música** e dos **instrumentos**, os **tipos de música**, a ópera, o canto, etc.; artigos sobre o **ensino e a prática da música** dentro e fora de fronteiras – com especial enfoque no trabalho desenvolvido no Conservatório Real de Lisboa, na Real Academia de Amadores, na Sociedade Orpheon Portuense, na Schola Cantarum, etc.; **noticiário e crítica** sobre o “cartaz” de concertos e as **novidades bibliográficas** (livros, jornais e musica); **textos de natureza literária**, sobretudo crónicas, poemas e contos, que na maioria das vezes estão relacionados com a música; e também os costumeiros **pensamentos**, os **aforismos** e algumas tiradas de **humor**, incluindo a **caricatura**.

Esta teve uma presença ocasional, nos primeiros oito de publicação, e foi assegurada por 3 “peso-pesados”: **Jorge Colaço** (n.º 121) e **Francisco Valença** (nº 202, 204, 221 e 228,); o mais inédito é a coleção de 5 caricaturas de **José Malhoa** (reproduzidas), por ele oferecidas aos 5 músicos amadores que fizeram o 1.º concerto de música de câmara realizado em Lisboa, a 30 de Janeiro de 1899: Cecil Mackee, José da Costa Carneiro, José Relvas, Luiz da Cunha e Meneses (D.), Miguel’angeloo Lambertini (n.º 3, 4, 5, 6 e 7); reproduziram ainda uma caricatura do **alemão Ulk**, alusiva à hostilidade crítica que recebeu a obra de Wagner nos primeiros anos (nº 116).<sup>13</sup>

Com a passagem do tempo e reflexo do caldo ideológico que medrava no país foram **ganhando visibilidade as associações profissionais** – como a Associação dos Professores de Música de Lisboa (1902) e a Associação de Classe dos Musicos Portuguezes (1908); tornou-se recorrente a denúncia da precariedade profissional dos músicos, sobretudo pelo punho de Carlos de Mello que abordou o tema de um modo insistente, nomeadamente em «Os Musicos Nacionais e a Arte Nacional» (a partir do nº 282); prestou-se **mais atenção às questões sociais e cultivou-se activamente o valor da solidariedade**, através da divulgação do concerto a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos (1903), da criação do Monte-Pio Phimarmónico (1903) e tomaram eles mesmo a iniciativa de fundar uma Caixa de Socorros a Musicos Pobres

---

<sup>10</sup> Conf. «Guilhermina Suggia», in nº 128, de 30/04/1904, e «Guilhermina e Virgina Suggia», in nº 135, 15/08/1904.

<sup>11</sup> Conf. Suplem. ao nº 107, de 15/06/1903.

<sup>12</sup> Conf. Suplem. ao Nº 138, de 30/09/1904.

<sup>13</sup> No nº 201, de 1907, foi feito um elogio à obra de José Malhoa, da autoria de um «Guido».

(1906); e **incentivaram a propagação do conhecimento e a melhoria do ensino público**, através da publicação de vários artigos sobre a Academia de Estudos Livres (1904), ou a defender a introdução do «Canto Colectivo nas Escolas Primárias», da autoria de Emílio Lami (a partir do nº 152, de 1905). Simultaneamente, verificou-se a abertura de novas secções, focadas noutros palcos e também noutras regiões, o que trouxe às páginas d'*A Arte Musical* mais diversidade e, sobretudo, uma perspetiva ampliada sobre o que estava a acontecer no país no campo artístico e literário.

Na sequência da implantação da República, *A Arte Musical* alimentou o debate sobre as reformas implementadas que lhe eram mais próximas e caras como, a do hino e da bandeira, pelo punho de António Arroio (nº 284), e a do Conservatório Real de Lisboa, por Carlos de Mello (n.º 286).

Depois, sobreveio a estafa da euforia revolucionária e *A Arte Musical* começou a concentrar-se mais na lira. Foi assumindo um tom mais grave, mais sintonizado com a erudição. Foram desaparecendo as secções noticiosas e as literárias e cresceram os artigos longos, muitos deles publicados de modo continuado. E também foram desertando os colaboradores e, muito provavelmente, os assinantes. Tendências que o início da Grande Guerra, em Julho de 1914, agravou certamente. Assim, não é verdadeiramente uma surpresa quando, no final de 1915, deparamos, na primeira página, com a palavra «Despedida». Provavelmente, os leitores de então sentiram o mesmo, porque é um augúrio que se pressente na passagem dos números e no folhear das páginas. Voluntariosamente, quiseram fazer um balanço final, onde ressoa a ironia, o orgulho e também a amargura de quem sente a frustração, a injustiça e a indiferença:

*«Perguntar-nos-hão porque abandonamos a liça.*

*«Não há fugir ao cansaço, minhas senhoras e meus senhores. As revistas também cansam, como as pessoas. É um cansaço feito de desilusões e de impaciências, cimentado pouco a pouco com a animadversão das ambições injustas que se não vêem suficientemente apoiadas, das invejas pequeninas que não sabem reprimir-se, das misérias de toda a natureza que não lograram antepor os mais sacrossantos ideais ao beatífico comodismo da própria existência. São vibrações sem conto que medram e se multiplicam em uma atmosfera molle de indiferença e egoísmo...*

*«Que importam ao músico, em geral, os grandes acontecimentos, os grandes problemas da arte? O que o preocupa seriamente é a local em que brilhe o seu próprio nome, com os concomitantes adjetivos; mas como esta não pode figurar todos os dias, perde o jornal uma grande parte do seu interesse e não vale a pena assigna-lo.*

*N'esse ambiente e desprotecção, vive uma revista um certo tempo, e acaba por cansar.»*

Terminado o desabafo-reparo, distribuíram os agradecimentos da praxe e fizeram publicar um **«Quadro d'honra» com todos os colaboradores «efectivos e eventuais»**. São mais de 100 nomes, organizados alfabeticamente, mas como era de bom-tom, elencaram em primeiro lugar as **colaboradoras**, 7 artistas, 7 ilustres cidadãs, representantes do virtuosismo e da competência no feminino: a poetisa **Branca de Gonta Colaço** (1880-1945)<sup>14</sup>, a pianista e organista **Candida Cília de**

---

<sup>14</sup> Conf. o seu soneto «Á Guitarra», publicado n' *Arte Musical* nº 203, de 1907.

**Lemos**<sup>15</sup>, a cantora **Carolina Palhares**<sup>16</sup>, a pianista **Ernestina Freixo** (1856-1939), **Magdalena Frondoni Lacombe** (1857-193)<sup>17</sup>, a escritora e conferencista **Olga Moraes Sarmiento da Silveira** (1881-1948) e a pianista **Virgínia Baptista**.<sup>18 19</sup>

Ficaram também sinalizados com uma pequena cruz os 16 colaboradores entretanto falecidos em tempo de publicação d'*A Arte Musical*.

Para facilitar a tarefa de destrinçar os restantes colaboradores socorremo-nos das 3 «categorias» utilizadas no *Diccionário Bibliográfico* de Inocêncio Francisco da Silva, para elencar os colaboradores d'*A Arte Musical*: «artistas profissionais, amadores e escritores públicos».

Na primeira, a dos «**artistas profissionais**», foram incluídos: **Bernardo Valentim Moreira de Sá** (1853-1924), violinista, concertista, musicólogo e pedagogo; **David de Souza** (1880-1918), violoncelista, maestro e compositor; **Eduardo Óscar Wagner** (1852-1899), violoncelista, trompetista e professor<sup>20</sup>; o já aqui referido **Emílio Lami** (1834-1911), compositor, concertista e professor de piano<sup>21</sup>; **Ernesto Vieira** (1848-1915), o editor da revista, que já foi apresentado<sup>22</sup>; **Francisco Lacerda** (1869-1934), musicólogo, compositor e maestro<sup>23</sup>; e **Vianna da Mota** (1868-1948), pianista, compositor, musicógrafo e professor de música.<sup>24</sup>

Na categoria dos **artistas «amadores»** ficaram alinhados: **Alfredo Borges da Silva**, visconde da Ilha do Faial (1857-1924); **Arthur Nogueira**; **Augusto Gerschey** (1853-

---

<sup>15</sup> Conf. «Galeria dos nossos», com retrato, *in* n.º 99, de 15/02/1903.

<sup>16</sup> Conf. «Concertos», *in* n.º 275, de 31/05/1910, p. 122.

<sup>17</sup> Filha do maestro Angelo Frondoni, autor do hino Maria da Fonte, além de pianista, foi uma médium reputada e com obra publicada; fez parte do Comité Português «Paix et le Desarmement pour le femmes». N'*A Arte Musical* publicou, pelo menos dois textos: «Cantoras Portuguesas» (n.º 368, de 1914) e «Martinée Mantelli» (n.º 390, de 1915).

<sup>18</sup> Conf. «Galeria dos nossos» com retrato, *in* n.º 69, 15/11/1901. No ano 1905, Virgínia Baptista publicou n'*A Arte Musical* os textos: «Algumas considerações sobre a arte do canto» (n.º 147) e a biografia do compositor alemão Christophe Gluck, *in* n.º 159.

<sup>19</sup> Sobre estas e outras artistas sugere-se ainda a leitura do artigo «Como estudam as nossas pianistas», da autoria de Carlos Cília Lemos, publicado na *Ilustração Portuguesa*, de 25/01/1909. Disponível na Hemeroteca Digital, em:

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1909/N153/N153\\_item1/P3.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1909/N153/N153_item1/P3.html)

<sup>20</sup> Conf. n.º 20, de 31/10/1899, publicado após o seu falecimento, onde evocaram a sua vida e obra.

<sup>21</sup> Conf., n.º 311, de 30/11/1911, publicado após o seu falecimento.

<sup>22</sup> A obra de Ernesto Vieira foi um tema recorrente na revista e o seu falecimento não passou em branco. Na primeira edição havida após o seu falecimento, n.º 394, 15 de Maio de 1915, Lambertini homenageou o homem, o mestre e o companheiro e amigo. O mestre foi também biografado por Gomes de Brito (também ele colaborador n'*A Arte Musical*), no semanário *Tiro Civil, órgão da Associação dos Atiradores Civis Portugueses*, uns anos antes (n.º 221, de 1901, disponível na Hemeroteca Digital, em:

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroCivil/1901/N221/N221\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroCivil/1901/N221/N221_item1/index.html)

<sup>23</sup> Conf. n.º 32, de 30/04/1900, p. 63, onde apresentam Francisco de Lacerda como «nosso correspondente artístico em Paris», o que sugere que foi o autor dos artigos não assinados sobre a «A Musica na Exposição de Paris» (n.º 35 a 41).

<sup>24</sup> A colaboração de Vianna da Mota com *A Arte Musical* aconteceu ao longo dos anos, mas não foi intensa. Frequentemente escrevia de fora do país e quando regressava quase sempre dava concertos que eram divulgados e comentados. Conf. artigos biográficos redigidos por António Arroio, publicados no n.º 81/1902 e n.º 154/1905.

1915)<sup>25</sup>; **Carlos Cília de Lemos**; o já referido **Carlos de Mello** (1860-1913)<sup>26</sup>, que tratou da condição precária dos músicos portugueses e do impacto dessa situação no desenvolvimento da arte nacional, depois de no ano 1906 ter reportado o resultado das investigações sobre músicos portugueses realizadas nos museus, arquivos e bibliotecas de Londres; **D. Fernando de Sousa Coutinho**; **José Relvas** (1858-1929) e **D. Luiz da Cunha Meneses**, dois dos fundadores da Sociedade de Musica de Camara (1899), ambos caricaturados por José Malhoa; **Luís de Freitas Branco** (1890-1955), que era ainda muito novo e deixou um rasto pontual, a partir de 1904; **Miguel'Angelo Lambertini**, o proprietário e director d'A *Arte Musical*; **Victoriano Franco Braga** (1853-1909)<sup>27</sup>, cultor do canto e crítico musical passou a fazer parte da redacção em Maio de 1902 e que no ano seguinte passou a assegurar a rubrica «Cantoras célebres»; e a pianista **Virgínia Baptista**, a única mulher citada no Dicionário Bibliográfico de Inocêncio da Silva.

Finalmente, para o grupo dos colaboradores «**críticos de arte, escritores públicos, arqueologia musical, história, poesia, etc.**» foram seleccionados, entre outros: Adriano Merea (1865-1933), Afonso Vargas (1859-?), Alberto Bessa (1861-1938), Alberto Pimentel (1849-1925), Alfredo Pinto (Sacavem) (1874-1945), Antonio Arroio (1856-1934), Anes Baganha (1847-1911), Cândido de Figueiredo (1846-1925), Esteves Lisboa (Aristedes), Francisco Fonseca Benevides (1835-1911), D. João da Camara (1852-1908), J. Benoliel (Josshua Benoliel?, 1873-1932), Manuel Ramos (Manuel Maria d'Oliveira Ramos?, 1862-1931), Francisco Marques de Sousa Viterbo (1846-1910)<sup>28</sup>, Visconde de Sanches de Frias (Frias, David Correia Sanches de, visconde de?, 1845-1922) Zeferino Brandão (1842-1910) e Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910). Deste núcleo, considerou-se pertinente destacar a **colaboração dos dois primeiros presidentes da República Portuguesa: Teófilo Braga** (1843-1924), presidente do Governo Provisório, (1910-1911), e **Manuel d'Arriaga** (1840-1917), primeiro presidente eleito (1911-1915). Curiosamente, estrearam-se no mesmo número, o primeiro de 1904: a assinatura de Manuel d Arriaga remata o soneto «À Música», que ocupa toda a primeira página – foi esta a sua única colaboração; Teófilo Braga assina um artigo sobre a origem das «Aravias Açorianas», uma forma poética de tradição popular, do Arquipélago que o viu nascer. Dois anos depois, em 1906, Teófilo Braga ainda publicou um longo estudo sobre «Frei Silvestre Ferrão e a música religiosa em Portugal».<sup>29</sup>

Também houve colaboradores que preferiam encobrir a sua identidade assinando os seus artigos com pseudónimos óbvios – como Colline, Fux, Guido, Hamlet, Ri-Mal, Schanar – e siglas.

O *Diccionario* de Inocêncio da Silva não esgotou o «Quadro d'Honra» d'A *Arte Musical*. Mas não é claro o critério que guiou a selecção de colaboradores. Dezenas de colaboradores-musicos foram preteridos. O caso das colaboradoras é, talvez, o

<sup>25</sup> Conf. «Necrologia», in nº 406, de 15/11/1915

<sup>26</sup> Conf. «Necrologia», in n.º 360, de 15/12/1913.

<sup>27</sup> Conf. «Necrologia», in nº 265, de 31/12/1909.

<sup>28</sup> A sua colaboração teve início em 1901 e, depois de publicar alguns artigos soltos, nos anos 1909-10 alimentou a secção «Curiosidades Musicaes (Noticias históricas sobre Musica Portuguesa)». O seu falecimento foi assinalado no nº 290, de 15/01/1911.

<sup>29</sup> Conf. nº 181 e 185, a partir de 15/07/1906.

mais óbvio e de certa forma distorce o discurso, o “espírito” d’ *A Arte Musical* que valorizava a mulher na música, na literatura e na sociedade. Vem ao caso destacar as «Cartas a uma Senhora» redigidas por Afonso Vargas a uma suposta amiga de Paris, a quem vai relatando o que acontece por aqui. Foi a rubrica mais regular e duradoura d’ *Arte Musical*, pelo que oferece uma crónica muito peculiar sobre esses anos que assistiram à falência da Monarquia e à implantação da República.

A título de complemento, ficam aqui elencados mais alguns colaboradores-músicos, profissionais ou amadores, pouco importa, que foi possível identificar, como seja: **Alexandre Rey Colaço** (1854-1928), pianista, compositor e professor; **Alfredo Napoleão Santos** (1852-1917), pianista e compositor; **Antonio Simões de Carvalho Barbas** (1849-1916), músico, foi o primeiro regente da Tuna Académica de Coimbra; **Antonio Soller** (1840 -?), pianista e compositor; *Antonio Thomaz de Lima* (1887-1950), compositor, violinista, maestro, foi professor do Conservatório Nacional de Lisboa; **Augusto Machado** (1845-1924) compositor e professor de canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, foi director do Teatro Nacional de São Carlos; **Cecil Mackee**, co-fundador da Sociedade de Música de Camara e, por isso, um dos caricaturados por José Malhoa; **Julio Neuparth** (1863-1919), músico, compositor, maestro, professor do Conservatório de Lisboa e fundador do Instituto Musical e sócio fundador da empresa da Neuparth & C.<sup>a</sup>, ligada à música; **Raymundo de Macedo** (1880-1931), pianista, maestro, fundou a Orquestra Sinfónica Portuense e foi professor do Conservatório Municipal do Porto; **Timotheo da Silveira**, pianista e professor.

Chama-se ainda a atenção para o facto de a revista publicar um índice anual o que facilita bastante a investigação e localização de temas e autores.

*Rita Correia*

Lisboa, 6 de Novembro de 2017

## **BIBLIOGRAFIA**

*Diccionario Bibliographico Portuguez*, estudos de Innocencio Francisco da Silva, cont. por Brito Aranha. Lisboa : Imprensa Nacional, 1988-1958.

*Diccionario Cronológico de Autores Portugueses*, org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coord. Eugénio Lisboa. Lisboa: Publicações. Mem Martins : Publicações Europa-América, ed. revista e ampliada, 1991.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

## Imprensa

*Jornal da Mulher. Revista Quinzenal Ilustrada.* Acessível na Biblioteca Digital da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibsrch.aspx?skey=31A9599325394E11BC6CB0C4C02DE3F4&cap=1%2c15%2c14%2c4%2c2%2c3%2c16%2c13%2c8%2c6&pesq=11&var12=1&ctd=on&c1=on&c15=on&c14=on&c4=on&c2=on&c3=on&c16=on&c13=on&c8=on&c6=on&bo=0&var1=Jornal%20da%20Mulher&doc=9550> [Consult. 31/10/2017].

*Tiro Civil. Órgão da Associação dos Atiradores Cívicos Portuguezes.* Lisboa: Manuel Augusto Pinto, 1895-1903 – Disponível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroCivil/OTiroCivil.htm>

*Ilustração Portuguesa.* Lisboa: Empresa do jornal “O Século”, 1903-1993 – Disponível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>